



A  
PRINCESA  
PROMETIDA





# A PRINCESA PROMETIDA

UM CONTO CLÁSSICO DE  
AMOR VERDADEIRO E GRANDES  
AVENTURAS, DE S. MORGENSTERN

---

VERSÃO SÓ COM AS “PARTES BOAS”, EDITADA POR  
WILLIAM GOLDMAN

TRADUÇÃO DE ALICE MELLO



Copyright © 1973, William Goldman  
Copyright do mapa © 2007 by Harcourt, Inc.

TÍTULO ORIGINAL  
The Princess Bride

PREPARAÇÃO  
Débora Dutra Vieira

REVISÃO  
Ulisses Teixeira  
Cristiane Pacanowski | Pipa Conteúdos Editoriais

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO  
Julio Moreira | Equatorium Design

ARTE DE CAPA  
Antonio Rhoden | ô de casa

ILUSTRAÇÃO DE CAPA  
Ise Ananphada

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G572p

Goldman, William, 1931-

A princesa prometida / William Goldman ; tradução Alice Mello. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2018.

416 p. : il. ; 23 cm.

Tradução de: The princess bride  
ISBN 978-85-510-0321-3

1. Ficção americana. I. Mello, Alice. II. Título.

18-47762

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

[2018]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



# SUMÁRIO

---

A PRINCESA PROMETIDA

7

O BEBÊ DE BUTTERCUP:  
UM ESCLARECIMENTO

305

O BEBÊ DE BUTTERCUP

331

APRESENTAÇÃO DA EDIÇÃO  
COMEMORATIVA DE 25 ANOS

385

APRESENTAÇÃO DA EDIÇÃO  
COMEMORATIVA DE 30 ANOS

397





A  
PRINCESA  
PROMETIDA







**E**ste é meu livro preferido no mundo inteiro, embora eu nunca o tenha lido. Como isso é possível? Farei tudo que estiver ao meu alcance para explicar. Quando criança, eu não tinha nenhum interesse em livros. Odiava ler, lia muito mal e não entendia como alguém poderia perder tempo lendo, com tantas outras atividades melhores para se praticar. Basquete, beisebol, bolinha de gude... eu nunca me cansava. E nem era muito bom em nada disso, mas, se tivesse à minha disposição uma bola de futebol e um pátio vazio, encenava vitórias que emocionariam qualquer um. A escola era uma tortura. A srta. Roginski, que foi minha professora do terceiro ao quinto ano, não parava de chamar minha mãe ao colégio. “Acredito que Billy não está explorando todo o seu potencial.” Tinha também o discurso: “Billy se sai excepcionalmente bem nas provas, levando-se em consideração seu desempenho em sala de aula.” E o mais frequente: “Sra. Goldman, não sei o que fazer com Billy.”

O que fazer com Billy? Essa frase me assombrou por dez anos. Eu fingia não me importar, mas por dentro estava apavorado. Todos desistiam de mim. Eu não tinha nenhum amigo de verdade, nenhuma pessoa que se interessasse por esportes tanto quanto eu. Eu parecia ocupado, ocupado, ocupado, mas acho que na primeira oportunidade teria admitido que, apesar de toda a inquietação, me sentia completamente sozinho.

— O que faço com você, Billy?

— Não sei, srta. Roginski.

— Como pode ter se saído tão mal na prova de leitura? Já ouvi você pronunciar todas essas palavras.

— Sinto muito, srta. Roginski. Acho que não pensei direito.

— *Você sempre pensa direito, Billy. Só não estava pensando na prova.*

*Não tive escolha senão concordar.*

— *O que foi dessa vez?* — *insistiu a professora.*

— *Não sei. Não lembro.*

— *Foi Stanley Hack de novo?*

*(Stan Hack era o terceira base do Cubs naquele ano, e o foi durante muitos outros anos. Certa vez, assisti a um jogo seu da arquibancada, e mesmo daquela distância vi que ele tinha o sorriso mais simpático do mundo, e até hoje posso jurar que sorriu para mim diversas vezes. Eu o endeusava. E ele também rebatia como ninguém.)*

— *Não, foi Bronko Nagurski. Jogador de futebol americano. Um ótimo jogador, e li no jornal ontem à noite que ele talvez volte a jogar pelo Bears. Ele se aposentou quando eu era pequeno, mas se voltasse a jogar e eu conseguisse ir a um dos jogos, eu poderia vê-lo em campo. E imagine só se por acaso o adulto que me levasse o conhecesse? Eu poderia ser apresentado a ele depois do jogo, e se ele estivesse com fome, eu daria a Bronko um sanduíche que teria na bolsa. Eu estava pensando de que tipo de sanduíche Bronko Nagurski deve gostar.*

*Ela afundou na cadeira.*

— *Você tem uma imaginação, Billy...*

*Não sei o que eu disse. Provavelmente “obrigado” ou algo do tipo.*

— *Mas não consigo explorá-la — prosseguiu ela. — Por que será?*

— *Acho que é porque preciso de óculos e não leio porque as letras ficam todas embaçadas. Isso explicaria por que estou sempre forçando a vista. Se eu fosse a um oftalmologista e ele me mandasse usar óculos, talvez eu virasse o melhor leitor da sala, e aí a senhora não teria que me segurar depois da aula tantas vezes.*

*Ela apenas apontou para trás.*

— *Comece apagando o quadro-negro, Billy.*

— *Sim, senhora.*

*Eu era o melhor apagador de quadros.*

— *Você vê as letras embaçadas?* — *perguntou a srta. Roginski, depois de um tempo.*

— *Não, eu inventei isso.*

*Eu também nunca forçava a vista. Mas ela parecia muito preocupada comigo. O tempo todo. Já fazia três anos.*

— *Eu não consigo fazer você melhorar.*

— *Não é culpa sua, srta. Roginski.*

*(Não era mesmo. Eu a idolatrava. Ela era baixinha e gorda, e eu desejava que fosse minha mãe. Mas isso era impossível, a não ser que ela tivesse se casado com meu pai antes, eles tivessem se divorciado e depois meu pai tivesse se casado com minha mãe, o que seria perfeito, porque a srta. Roginski precisava trabalhar, então meu pai teria ficado com minha guarda — tudo encaixava certinho. Só que, ao que tudo indicava, eles nem se conheciam, meu pai e a srta. Roginski. Sempre que se encontravam (todo ano, na apresentação de Natal, a que todos os pais compareciam), eu não tirava os olhos dos dois, torcendo para notar um brilho secreto ou uma troca de olhares que só poderia significar “Ora, ora, como vai você, como anda sua vida desde o divórcio?”, mas era em vão. Ela não era minha mãe, era apenas minha professora, e eu era seu pior e mais fracassado projeto profissional.)*

— *Você vai se sair bem, Billy.*

— *Espero que sim, srta. Roginski.*

— *Você é só um talento incompreendido. Winston Churchill, por exemplo, demorou anos para revelar seus talentos.*

*Eu estava prestes a perguntar em que time ele jogava, mas algo no tom da voz dela me disse que era melhor não fazer isso.*

— *Assim como Einstein.*

*Esse eu também não conhecia. Muito menos entendi o que ela quis dizer com aquilo de talento incompreendido. Mas, nossa, como eu queria que ela estivesse certa.*

*AOS VINTE E seis anos, lancei meu primeiro romance, The Temple of Gold, pela Alfred A. Knopf. (Que agora faz parte da Random House, que agora faz parte da RCA, que, por sua vez, faz parte de tudo que há de errado no mercado editorial dos Estados Unidos nos dias de hoje, que não faz parte desta história.) Enfim: antes da publicação, o pessoal do marketing da Knopf veio falar comigo, tentando descobrir o que poderiam fazer para justificar seus salários, e perguntaram para quem eu gostaria de enviar as provas finais, nomes de possíveis formadores de opinião, ao que respondi que não conhecia ninguém do tipo, e eles disseram: “Pense. Todo mundo conhece*

alguém.” Fiquei todo animado porque tive uma ideia na hora, e falei: “Então tá, mande uma prova para a srta. Roginski.” Achei a sugestão lógica e incrível porque, se tem alguém que formou minhas opiniões, esse alguém foi ela. (Ela aparece muito em *The Temple of Gold*, aliás, só que a chamei de srta. Patulski — já naquela época eu era criativo.)

— Quem? — perguntou a moça do marketing.

— Uma antiga professora minha. Envie uma prova que eu vou assinar, talvez até escreva uma dedicatória...

Eu estava muito empolgado, até que um cara do marketing me interrompeu:

— Estávamos pensando em alguém com um nome conhecido nacionalmente.

De um jeito muito delicado, falei:

— Mande uma prova para a srta. Roginski, por favor.

— Sim. Sim, claro.

Lembra que o tom de voz da srta. Roginski me fez desistir de perguntar para que time Churchill jogava? Devo ter usado aquele mesmo tom com o rapaz do marketing. Só sei que algo deve ter acontecido, porque na mesma hora ele anotou o nome dela, perguntando se terminava com *i* ou *y*.

— Com *i* — respondi, já viajando no tempo, tentando encontrar a dedicatória perfeita para ela. Algo que fosse inteligente, modesto, brilhante e perfeito.

— Primeiro nome?

Aquilo me trouxe de volta à realidade com um solavanco. Eu não sabia o primeiro nome dela. Sempre a chamara apenas de “professora”. Também não sabia o endereço. Nem se estava viva. Não visitava Chicago havia dez anos; eu era filho único, com ambos os pais já falecidos, o que faria em Chicago?

— Envie para a escola Highland Park — falei.

Primeiro, pensei em escrever “Para a srta. Roginski, de um talento enfim compreendido”, mas depois achei que seria muito presunçoso, então achei que “Para a srta. Roginski, de um antigo talento incompreendido” seria mais humilde. Humilde demais, concluí em seguida, e foram essas minhas ideias brilhantes do dia. Não consegui pensar em mais nada. Depois, pensei: E se ela nem se lembrar de mim? Centenas de alunos em anos e anos, por que se lembraria? Então, finalmente, como um ato desesperado, escrevi: “Para a srta. Roginski, de William Goldman —

*a senhora me chamava de Billy e dizia que eu era um talento incompreendido. Este livro é para a senhora, espero que goste. Fui seu aluno no terceiro, no quarto e no quinto anos, muito obrigado. William Goldman.*”

*O livro foi lançado e massacrado pela crítica; fiquei em casa e fiz o mesmo comigo, tentando me adaptar. Além de não ter sido reconhecido como o mais jovem talento desde Kit Marlowe, meu romance não foi lido por ninguém. Ou melhor, foi lido por um bocado de pessoas, todas conhecidas minhas. No entanto, acredito que seja seguro dizer que nenhum estranho gostou. Foi uma experiência conflituosa, e reagi como descrevi agora há pouco. Então, quando recebi, tardiamente, o bilhete da srta. Roginski — foi enviado à Knopf, e eles não tiveram pressa em repassá-lo a mim —, eu estava mais que pronto para receber qualquer elogio.*

*“Caro sr. Goldman, obrigada pelo livro. Ainda não encontrei tempo para lê-lo, mas tenho certeza de que é um empreendimento e tanto. Claro que me lembro do senhor. Eu me lembro de todos os meus alunos. Saudações, Antonia Roginski.”*

*Que decepção. Ela não fazia ideia de quem eu era. Fiquei sentado ali, segurando o bilhete, arrasado. As pessoas não se lembram de mim. É sério. Não é paranoia; eu tenho esse hábito de passar despercebido nas lembranças dos outros, mas não me incomoda tanto assim. Que grande mentira. Incomoda, sim. Não sei por quê, estou no topo do ranking de esquecibilidade.*

*Então, quando a srta. Roginski me enviou aquele bilhete mostrando que eu era só mais um na multidão, fiquei feliz por ela não ter se casado, eu nunca tinha gostado dela mesmo, era uma professora terrível e merecia se chamar Antonia.*

*— Eu não quis dizer isso — falei em voz alta. Eu estava sozinho, no cubículo mais conhecido como meu escritório no glamoroso West Side de Manhattan, falando com os meus botões. — Me perdoe, srta. Roginski.*

*O que tinha acontecido, claro, foi que eu finalmente lera o P.S. Estava no verso do bilhete e dizia o seguinte: “Idiota. Nem mesmo o imortal S. Morgenstern poderia se sentir mais maternal do que eu.”*

*S. Morgenstern! A princesa prometida. Ela lembrava!*

*Flashback.*

*Outono de 1941. Estou um pouco mal-humorado porque meu rádio não pega os jogos. Northwestern está jogando contra Notre Dame, começou à uma, e à uma e meia*

*ainda não consigo ouvir. Músicas, notícias, novelas, tudo, menos o jogo. Chamo minha mãe. Ela aparece. Digo que meu rádio está quebrado, não consigo encontrar a transmissão do Northwestern vs. Notre Dame. Ela pergunta se estou falando de futebol americano. Sim sim sim, eu digo. Hoje é sexta, ela diz; achei que eles jogassem no sábado.*

*Tenho cara de idiota?!*

*Fico ouvindo as novelas e depois de um tempo tento encontrar o jogo mais uma vez, só que meu rádio idiota sintoniza todas as estações de Chicago menos a que está transmitindo o jogo. Nesse momento, dou um verdadeiro berro, e mais uma vez minha mãe vem correndo. Vou jogar o rádio pela janela, digo; não pega, não pega, não consigo sintonizar. Sintonizar o quê?, pergunta ela. O jogo de futebol, digo; deixa de ser burra, o jogooooo. Hoje é sábado, e veja como fala, rapazinho, responde ela. Eu já disse, é sexta. Ela vai embora de novo.*

*Será que um dia existiu uma anta maior?*

*Humilhado, troco as estações do meu fiel Zenith, tentando encontrar o jogo. É tão frustrante que estou deitado, suando, minha barriga se revirando que nem louca e eu batendo no aparelho tentando fazer com que funcione direito, e foi assim que descobriram que eu estava delirando de pneumonia.*

*A pneumonia de hoje não é a mesma que a de antigamente, em especial a que eu tive. Mais ou menos dez dias no hospital e, depois, um longo período de repouso em casa. Acho que foram três semanas de cama, talvez um mês. Eu não tinha energia para nada, nem mesmo para jogos. Era apenas um pedaço de carne recuperando as forças, e nada mais.*

*E é assim que você precisa pensar em mim quando me deparei com A princesa prometida.*

*Era minha primeira noite em casa. Eu estava acabado; ainda muito doente. Meu pai entrou no quarto, achei que ele fosse me dar boa-noite. Ele se sentou na beira da cama.*

*— Capítulo um. “A noiva” — começou ele.*

*Foi só então que olhei para meu pai, e vi que ele segurava um livro. Aquilo por si só já era surpreendente. Meu pai era semianalfabeto. Em inglês. Ele era de Florin (cenário de A princesa prometida), onde não tinha sido nem um pouco bobo. Disse uma vez que teria sido advogado, e era bem possível. O caso é que, aos*

dezesseis anos, ele teve uma chance de vir para os Estados Unidos, apostou na terra das oportunidades e perdeu. Nunca houve muito para ele por aqui. Meu pai não era atraente aos olhos, muito baixo e careca desde jovem, além de lento no aprendizado. Depois que aprendia uma nova lição, jamais esquecia, mas o tempo que levava para tal coisa atravessar seu crânio era inacreditável. O inglês dele sempre ficou em um nível absurdamente imigrante, e isso também não o ajudou. Ele conheceu minha mãe no navio a caminho dos Estados Unidos. Casaram-se posteriormente, e, quando acharam que tinham condições financeiras, eu nasci. Trabalhou a vida toda como a segunda cadeira da barbearia mais fracassada em Highland Park, Illinois. Perto do fim, cochilava o dia inteiro nessa cadeira. E assim ele se foi. E o número um só percebeu uma hora depois; o homem achou que meu pai estava apenas tirando uma boa soneca. Talvez estivesse. Talvez tudo se resume a isso mesmo. Quando me contaram, fiquei chateadíssimo, mas, ao mesmo tempo, achei que foi uma forma de partir que comprovava toda a sua existência até ali.

— Hein? O quê? Não ouvi — falei.

Eu estava muito fraco, exausto.

— Capítulo um. “A noiva”. — Ele ergueu o livro. — Vou ler para você relaxar. — Ele estava quase esfregando o livro na minha cara. — De S. Morgenstern. Grande escritor florinense. A princesa prometida. Ele também veio para a América. S. Morgenstern. Morto agora em Nova York. O inglês é dele próprio. Ele falava oito línguas. — Meu pai baixou o livro e mostrou todos os dedos. — Oito. Uma vez, na Cidade de Florin, eu estava no café dele. — Então ele balançou a cabeça; ele sempre fazia isso, balançava a cabeça quando falava errado. — Não dele. Ele estava no café e eu também, ao mesmo tempo. Eu vi. S. Morgenstern. Ele tinha cabeça desse tamanho, enorme assim. — E ele formou um grande círculo com as mãos. — Grande homem na Cidade de Florin. Nem tanto na América.

— Tem algum esporte na história?

— Esgrima. Luta. Tortura. Veneno. Amor verdadeiro. Ódio. Vingança. Gigantes. Caçadores. Homens maus. Homens bons. As moças mais bonitas. Cobras. Aranhas. Criaturas de todos os tipos e formas. Sofrimento. Morte. Homens corajosos. Homens covardes. Os homens mais fortes. Perseguições. Fugas. Mentiras. Verdades. Paixões. Milagres.

— Parece legal — falei, e fechei os olhos. — Vou fazer o possível para ficar acordado... mas estou com muito sono...

Quem pode saber quando seu mundo está prestes a mudar? Quem pode dizer, previamente, que todas as experiências anteriores, todos os anos, foram uma preparação para... nada. Imagine o seguinte: um velho semianalfabeto lutando contra uma língua inimiga, um garoto praticamente exaurido lutando contra o sono. E nada entre eles além de palavras de outro forasteiro, penosamente traduzidas de sons nativos para estrangeiros. Quem poderia imaginar que na manhã seguinte despertaria um novo Billy? Eu só me lembro de lutar contra o cansaço. Mesmo uma semana depois, não tinha noção do que havia se iniciado naquela noite, as portas que se fechavam enquanto outras se abriam. Talvez eu devesse ao menos ter percebido algo, talvez não; quem consegue sentir uma revelação se aproximando?

O que aconteceu foi o seguinte: fiquei hipnotizado pela história.

Pela primeira vez na vida fiquei de fato interessado em um livro. Eu, o fanático por esportes; eu, o obcecado por videogames; eu, o único garoto de dez anos em Illinois que odiava o alfabeto, queria saber o que aconteceria em seguida.

O que acontecia com a bela Buttercup e o pobre Westley e Inigo, o maior espadachim da história da humanidade? E até onde iria a força de Fezzik? Havia limites para a crueldade de Vizzini, o siciliano do mal?

Todas as noites meu pai lia para mim, capítulo após capítulo, sempre se esforçando para pronunciar as palavras corretamente, para acertar o sentido. E eu ficava deitado, os olhos quase fechados, meu corpo começando a recuperar as forças aos poucos. Como disse, demorei mais ou menos um mês para voltar à forma, e nesse período ele leu A princesa prometida para mim duas vezes. Mesmo quando eu já podia ler por conta própria, o livro permaneceu com ele. Eu jamais teria ousado abri-lo. Queria a voz dele, os sons dele. Mais tarde, talvez anos depois, às vezes eu dizia: “E aquele duelo no precipício entre Inigo e o homem de preto?” E meu pai resmungava e grunhia e pegava o livro, lambia o polegar, virava as páginas até que a maior das batalhas começasse. Eu amava aquilo. Ainda hoje, é assim que convoco meu pai quando a necessidade aparece. Curvado, forçando a vista, tropeçando nas palavras, me oferecendo a melhor versão possível da obra-prima de Morgenstern. A princesa prometida pertencia a meu pai.



*Todo o restante era meu.*

*Não havia nenhuma história de aventura, em qualquer lugar, que estivesse imune a mim.*

— *Por favor — eu falava para a srta. Roginski, já recuperado. — Stevenson, Stevenson... a senhora não para de falar de Stevenson, eu já terminei Stevenson. O que mais eu leio?*

— *Bem, tente Scott, veja se gosta.*

*Então, tentei o velho sir Walter, e gostei a ponto de devorar meia dúzia de livros em dezembro (grande parte no recesso de Natal, quando não precisei interromper minhas leituras por nada além de um pouco de comida de vez em quando).*

— *Quem mais? Quem mais?*

— *Cooper, talvez.*

*Então lá fui eu ler The Deerslayer e todos os contos de Leatherstocking, até que certo dia, por conta própria, esbarrei em Dumas e D'Artagnan, e toda a trupe me ocupou durante fevereiro inteiro.*

— *Você se transformou em um leitor ávido bem diante dos meus olhos — disse a srta. Roginski. — Já percebeu que agora passa mais tempo lendo do que passava vendo jogos? Sabia que suas notas de aritmética estão piorando?*

*Eu nunca me importava quando ela me repreendia. Estávamos sozinhos na sala de aula, e fui atrás dela procurando uma boa recomendação para devorar.*

— *Você com certeza está revelando seu talento, Billy. E estou acompanhando essa transformação. Só não sei ainda que talento é esse.*

*Fiquei parado, esperando que ela me indicasse algum novo autor.*

— *Você não tem jeito, parado aí, só esperando. — Ela pensou por um instante. — Tudo bem. Tente Victor Hugo. O corcunda de Notre Dame.*

— *Victor Hugo. Corcunda. Obrigado. — Eu me virei, pronto para correr até a biblioteca.*

*Ouvi as lamúrias dela atrás de mim.*

— *Isso não vai durar muito. Não é possível.*

*Mas durou.*

*E continua durando. Hoje, sou tão fã das histórias de aventura quanto naquela época, e isso jamais vai mudar. Aquele meu primeiro livro que mencionei, The*

Temple of Gold: *sabe de onde surgiu o título? De Gunga Din, ao qual já assisti dezesseis vezes e que ainda considero o maior filme de aventura de todos os tempos. (Um fato sobre Gunga Din: quando fui dispensado do Exército, fiz uma promessa de nunca mais pisar em uma base militar. Nada de mais, apenas uma promessa de vida. Pois então. Ao chegar em casa no dia seguinte à minha dispensa, liguei para um amigo de Fort Sheridan, numa cidade próxima à minha, procurando saber como ele estava. Meu amigo disse: “Ei, adivinha o que vai passar na base hoje? Gunga Din.” “Nós vamos”, falei. “É complicado, você é civil.” Resumo: na minha primeira noite fora das Forças Armadas, voltei a vestir o uniforme e entrei escondido em uma base militar para ver o filme. Entrei escondido. Como um larápio. Coração acelerado, suor, tudo.)*

*Sou viciado em ação/aventura/chame como quiser, de todos os gêneros e estilos. Nunca perdi um filme com Alan Ladd ou Errol Flynn. E continuo sem perder nenhum do John Wayne.*

*Minha vida só começou mesmo quando eu tinha dez anos e meu pai leu Morgenstern para mim. Fato: Butch Cassidy é, sem dúvida, o projeto mais popular do qual participei. Quando eu morrer, se o Times fizer meu obituário, será por causa desse filme. Muito bem, mas qual é a cena de que todos falam, aquele momento único que fica para sempre na cabeça das pessoas? Resposta: o salto do precipício. Bem, quando escrevi aquilo, lembro-me de pensar que o precipício de onde saltaram Butch e Sundance eram os Rochedos da Perdição que todos tentam escalar em A princesa prometida. Na minha mente, quando escrevi Butch, eu estava vasculhando minha memória, lembrando-me do meu pai lendo a cena da escalada dos Rochedos da Perdição com a corda e da morte que assombrava aquele momento.*

*A princesa prometida foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida (foi mal, Helen; Helen é minha esposa, a famosa psicanalista infantil), e muito antes de me casar eu já sabia que o leria para meu filho. Também sabia que teria um filho. Então, quando Jason nasceu (se tivesse sido menina, se chamaria Pamby; dá para acreditar em uma psicanalista infantil que daria um nome desse à própria filha?), prometi a mim mesmo que me lembraria de comprar para ele um exemplar de A princesa prometida para seu décimo aniversário.*

*E esqueci completamente.*

*Anos depois: hotel Beverly Hills, dezembro passado. Estou enlouquecido fazendo reuniões para tratar da adaptação cinematográfica de Mulheres perfeitas, de Ira Levin. Ligo para minha esposa na hora do jantar, como sempre (isso faz com que ela se sinta desejada), estamos conversando, e no final ela diz:*

— *Ah, vamos dar uma bicicleta de dez marchas para Jason. Comprei hoje. Acho que combina com a ocasião, não acha?*

— *Por quê?*

— *Ah, vai, Willy. Dez anos, dez marchas.*

— *Ele vai fazer dez anos? Tinha esquecido.*

— *Ligue amanhã na hora do jantar para desejar a ele um feliz aniversário.*

— *Helen, me faça um favor. Ligue para a livraria Nove-nove-nove e encomende A princesa prometida.*

— *Vou pegar um lápis. — Ela sumiu por um tempo. — Muito bem. Diga. A princesa o quê?*

— *Prometida. De S. Morgenstern. É um clássico juvenil. Diga que vou fazer perguntas sobre o livro quando voltar, semana que vem, e que ele não precisa gostar nem nada, mas, caso não goste, avise que vou me matar. Diga exatamente com essas palavras, por favor; não gostaria que ele se sentisse ainda mais pressionado nem nada do tipo.*

— *Mande um beijo, seu bobo.*

— *Smack!*

— *Nada de aspirantes a estrelas.*

*Ela sempre dizia isso antes de desligar quando eu estava sozinho e à solta na ensolarada Califórnia.*

— *Elas entraram em extinção, bobinha.*

*E eu sempre respondia isso. Desligamos.*

*Na tarde seguinte, aconteceu que surgiu mesmo, de algum lugar, uma jovem bronzeada, cheia de suspiros e de fato aspirante a estrela de cinema. Estou estirado à beira da piscina e ela passa, espetacular, de biquíni. Tenho a tarde livre, não conheço ninguém, então começo a brincar de como poderia puxar assunto com aquela garota sem que ela ria de mim. Não chego a fazer nada, mas só olhar já é um ótimo exercício, e sou profissional em olhar mulheres. Não consigo pensar em nenhuma*

*abordagem que possa ser posta em prática, então começo minha rotina de natação. Nado quatrocentos metros por dia, porque tenho um disco ruim na base da coluna.*

*De um lado para o outro, de um lado para o outro, dezoito voltas, e quando termino fico relaxando no lado fundo, ofegante, e a jovem estrela do cinema se aproxima. Ela também se apoia na borda da parte funda, a no máximo quinze centímetros de mim, o cabelo completamente molhado e reluzente, o corpo embaixo da água — mas sem dúvida ali —, e ela diz (isso de fato aconteceu):*

*— Com licença, mas você não é William Goldman, que escreveu Boys and Girls Together? É meu livro favorito.*

*Aperto a borda da piscina e assinto; não lembro o que falei exatamente. (Mentira: lembro muito bem, mas foi estúpido demais para botar no papel; poxa, eu tenho quarenta anos. “Goldman, sim, Goldman, sou eu.” Saiu tudo como se fosse uma palavra só, então não dá para saber qual língua ela achou que eu falava.)*

*— Sou Sandy Sterling. Oi.*

*— Oi, Sandy Sterling — consegui dizer, o que foi bem sutil, para mim ao menos; eu diria de novo, caso surgisse outra situação como essa.*

*Então chamaram meu nome.*

*— Os Zanuck não me deixam em paz — falei, e ela caiu na gargalhada. Então corri até o telefone me perguntando se de fato tinha sido engraçado e, quando atendi a ligação, concluí que sim, tinha sido, e, com o aparelho no ouvido, falei: — Engraçado. — Nada de “oi”. Nem “Bill Goldman”. Apenas “engraçado”.*

*— Você disse “engraçado”, Willy? — Era Helen.*

*— Estou numa reunião de roteiro, Helen, nos falamos à noite, na hora do jantar. Por que está me ligando na hora do almoço?*

*— Que hostil.*

*Nunca discuta sobre hostilidade com sua esposa se ela for uma freudiana de carteirinha.*

*— Estão me enlouquecendo com ideias absurdas aqui na reunião de roteiro. O que houve?*

*— Nada grave, só que Morgenstern está fora de catálogo. Confirmei com a Doubleday. Pelo jeito que você falou, pareceu importante, então achei melhor avisar que Jason terá que se contentar com a bicicleta incrível de dez marchas.*

— Não é importante — falei. Sandy Sterling estava sorrindo. Lá do fundo da piscina. Olhando para mim. — Obrigado mesmo assim. — Eu estava prestes a desligar quando falei: — Bom, já que fez isso tudo, ligue para a Argosy, na rua 59. Eles são especializados em obras fora de catálogo.

— Argosy. Rua 59. Ok. A gente se fala à noite.

Ela desligou.

Sem dizer “Nada de aspirantes a estrelas”. Ela terminava toda ligação assim, mas dessa vez não. Será que me entreguei pelo tom de voz? Helen é muito sagaz com essas coisas, por ser psicanalista e tal. Feito sopa fervendo, a culpa começou a borbulhar no fundo da minha mente.

Voltei para minha cadeira à beira da piscina. Sozinho.

Sandy Sterling deu algumas voltas na piscina. Peguei meu New York Times para ler. Certa tensão sexual pairando.

— Acabou de nadar? — perguntou ela.

Coloquei o jornal de lado. Dessa vez, ela estava na borda da piscina, próxima à minha cadeira.

Fiz que sim, olhando para ela.

— Qual dos Zanuck, Dick ou Darryl?

— Era minha esposa — respondi. Enfatizando a última palavra.

A resposta não a abalou. Ela saiu da piscina e se deitou na cadeira ao lado da minha. Robusta na parte de cima, mas divina. Se fizer seu tipo, impossível não gostar de Sandy Sterling. E ela fazia meu tipo.

— Está aqui por causa do Levin, não está? Mulheres perfeitas?

— Estou escrevendo o roteiro.

— Eu amei o livro. Tipo, é meu preferido. Eu ia amar participar de um filme como esse. Escrito por você. Eu faria qualquer coisa para ter uma oportunidade como essa.

Então, era isso. Ela estava apostando todas as fichas.

Naturalmente, esclareci tudo muito rápido:

— Veja bem, não faço esse tipo de coisa. Se fizesse, toparia, porque você é muito bonita, não há dúvida quanto a isso, e lhe desejo felicidades, mas a vida já está complicada demais para piorarmos tudo.

*Foi o que imaginei que diria. Mas então pensei: Espere um minuto, qual lei diz que preciso ser o exemplo de puritanismo do show business? Eu tinha trabalhado com gente que guardava registro desse tipo de coisa. (Verdade; perguntem a Joyce Haber.)*

*— Já trabalhou em muitas produções? — me ouvi dizendo.*

*Você sabe que eu estava muito interessado na resposta para aquela pergunta.*

*— Nada que tenha de fato expandido meus horizontes, se é que você me entende.*

*— Sr. Goldman?*

*Olhei para cima. Era o salva-vidas assistente.*

*— Para o senhor de novo.*

*Ele me passou o telefone.*

*— Willy?*

*O simples som da voz da minha esposa enviou um alerta invisível de mau comportamento a cada poro do meu corpo.*

*— Sim, Helen.*

*— Você está com uma voz engraçada.*

*— O que foi, Helen?*

*— Nada, mas...*

*— Se não fosse nada, você não teria ligado.*

*— O que houve, Willy?*

*— Não houve nada. Eu estava tentando ser objetivo. Afinal, foi você quem ligou. Eu estava apenas tentando compreender o motivo.*

*Quando quero, consigo ser bem frio.*

*— Você está escondendo alguma coisa.*

*Se tem uma coisa que me tira do sério é isso que Helen faz. Porque, sabe, com todo esse maldito conhecimento psicanalítico, ela só me acusa de esconder coisas quando estou mesmo escondendo alguma coisa.*

*— Helen, estou no meio de uma conferência. Diga logo por que ligou.*

*Mais uma vez, era isso. Eu estava mentindo para minha esposa por causa de outra mulher, e a outra mulher sabia disso.*

*Sandy Sterling, na cadeira ao lado, me encarava com um sorriso.*

*— A Argosy não tem o livro, ninguém tem. Tchau, Willy.*

*Ela desligou.*

— *Era sua esposa de novo?*

*Fiz que sim e botei o telefone na mesa ao lado da minha espreguiçadeira.*

— *Estou vendo que vocês se falam bastante.*

— *Pois é. É uma tortura para conseguir escrever.*

*Acho que ela sorriu.*

*Eu não conseguia me acalmar.*

*“Capítulo um. ‘A noiva’”, disse meu pai.*

*Eu devo ter balbuciado ou algo do tipo, porque ela retrucou:*

— *Oi?*

— *Meu pa... — comecei. — Eu pen... — comecei. — Nada.*

— *Calma — disse ela, com um sorriso muito gentil.*

*Sandy Sterling colocou a mão sobre a minha por um instante, um gesto muito delicado e reconfortante. Eu me perguntei se era possível que ela também fosse compreensiva. Linda e compreensiva? Isso devia ser proibido por lei. Helen jamais era compreensiva. Vivía dizendo: “Entendo por que está dizendo isso, Willy”, mas por dentro estava analisando minhas neuroses. Não, na verdade acho que ela era compreensiva; só não era empática. E, claro, também não era linda. Magra, sim. Brilhante, sim.*

— *Conheci minha esposa na pós-graduação — contei a Sandy Sterling. — Ela estava fazendo doutorado.*

*Sandy Sterling estava com dificuldade de acompanhar meu raciocínio. Prossegui:*

— *Éramos crianças. Quantos anos você tem?*

— *Quer minha idade real ou a profissional?*

*Ri muito daquilo. Linda, compreensiva e engraçada?*

*“Esgrima. Luta. Tortura”, disse meu pai. “Amor verdadeiro. Ódio. Vingança. Gigantes. Criaturas de todos os tipos e formas. Verdades. Paixões. Milagres.”*

*Eram 12h35.*

— *Uma ligação, ok? — falei.*

— *Ok.*

— *Central de informações de Nova York — disse ao telefone. — Poderia me dar os nomes de algumas livrarias na Quarta Avenida, por favor? Devem existir*

umas vinte. — *A Quarta Avenida é o centro dos livros de segunda mão e fora de catálogo publicados em língua inglesa do mundo civilizado. Enquanto a telefonista fazia a pesquisa, eu me virei para a criatura na espreguiçadeira ao lado e falei: — Meu filho está fazendo dez anos hoje, e eu queria dar esse livro para ele de presente. Não vou demorar.*

— *Joia — disse Sandy Sterling.*

— *Localizei uma loja chamada Livraria da Quarta Avenida — informou a telefonista, e me passou o número.*

— *Não consegue me informar sobre as outras? Ficam todas no mesmo lugar.*

— *Se me fornecer o nome, senhor, poderei estar ajudando — respondeu a telefonista, com aquele discurso de telemarketing.*

— *Essa serve — falei, e em seguida pedi à telefonista do hotel que fizesse a ligação. — Olha, estou ligando de Los Angeles e estou procurando A princesa prometida, de S. Morgenstern.*

— *Não temos. Desculpe — disse o rapaz, e antes que eu pudesse perguntar “Bem, pode me dar o nome de outras livrarias aí perto?”, ele desligou. — Ligue de novo, por favor — pedi à telefonista do hotel, e em seguida me dirigi ao atendente: — Quem fala é seu amigo de Los Angeles, não desligue tão rápido dessa vez.*

— *Eu não tenho o livro, senhor.*

— *Isso eu entendi. O que gostaria de pedir, estando na Califórnia, é que você me dê nome e contato de outras livrarias aí perto. Elas podem ter o exemplar que eu quero, e não tenho um monte de listas telefônicas de Nova York à minha disposição por aqui.*

— *Não ajudo a concorrência.*

*Ele desligou de novo.*

*Fiquei sentado ali, com o aparelho na mão.*

— *Que livro tão especial é esse? — perguntou Sandy Sterling.*

— *Nada de mais — falei, e desliguei o telefone. — Na verdade, é especial, sim.*

*Peguei o aparelho mais uma vez e finalmente consegui falar com minha editora em Nova York, a Harcourt Brace Jovanovich, e, depois de mais alguns longos instantes, a secretária do meu editor me passou nome e contato de todas as livrarias próximas à Quarta Avenida.*



*“Caçadores”, dizia meu pai agora. “Homens maus. Homens bons. As moças mais bonitas.” Ele estava acampado na minha mente, curvado, careca e forçando a vista, tentando ler, tentando me agradar, tentando manter o filho vivo e os lobos distantes.*

*Eram 13h10 quando recebi a lista completa da secretária.*

*Comecei a telefonar para as livrarias.*

*— Olá, estou ligando de Los Angeles à procura de um livro de Morgenstern,*

*A princesa prometida, e...*

*— ... sinto muito...*

*— ... sinto muito...*

*Linha ocupada.*

*— ... faz muitos anos...*

*Mais uma linha ocupada.*

*13h35.*

*Sandy nadando. E ficando também um pouco irritada. Ela deve ter achado que eu estava enrolando. Não era o caso, mas era o que parecia.*

*— ... sinto muito, tive um exemplar em dezembro...*

*— ... nenhuma ficção, sinto muito...*

*— Esta é uma mensagem automática. O número para o qual você ligou não existe. Por favor, desligue e...*

*— ... não...*

*Sandy estava muito incomodada agora. Com um olhar fuzilante, pegando suas coisas.*

*— ... quem lê Morgenstern hoje em dia?...*

*Sandy indo embora, linda, indo embora, foi.*

*Adeus, Sandy. Sinto muito, Sandy.*

*— ... desculpe, estamos fechando.*

*13h55. Em Nova York, 16h55.*

*Pânico em Los Angeles.*

*Ocupado.*

*Ninguém atende.*

*Ninguém atende.*

*— Acho que tenho a edição florinense. Está em algum lugar no estoque.*

*Tirei as costas do encosto da espreguiçadeira. O sotaque do vendedor era carregado.*

— *Preciso da edição em inglês.*

— *Não recebo muitos pedidos de Morgenstern atualmente. Já não sei mais o que tenho no estoque. Venha amanhã e dê uma olhada.*

— *Estou na Califórnia.*

— *Mashuganuh — disse ele, me chamando de doido em iídiche.*

— *Se você pudesse dar uma olhada, me ajudaria muito.*

— *Vai esperar na linha? Não vou pagar por essa ligação.*

— *Não tenha pressa — falei.*

*Ele demorou dezessete minutos. Fiquei na linha, aparelho no ouvido. De tempos em tempos, ouvia passos ou o ruído de livros caindo ou um gemido de “ai, ai”.*

*Finalmente:*

— *Bem, como eu suspeitava, tenho a edição florinense.*

*Foi quase.*

— *E nada da edição em inglês?*

*De repente, ele começou a gritar comigo:*

— *Como assim? Você está maluco? Dei um jeito nas costas e ele diz que não tenho?! Sim, tenho, sim. Está bem aqui, e pode ter certeza de que vai custar uma grana.*

— *Ótimo. Sério, não estou brincando. Agora, preste atenção, faça o seguinte, chame um táxi e diga para o motorista levar os livros direto para a Park e...*

— *Sr. Califórnia Mashuganuh, preste atenção você... Tem uma nevasca chegando, eu não vou a lugar algum e esses livros não saem daqui sem o dinheiro... seiscentos e cinquenta cada um, e se quiser a edição em inglês, vai levar a original. Fecho a loja às seis. Os livros não saem daqui sem mil e trezentos dólares na minha mão.*

— *Não saia daí — falei, desligando.*

*E para quem se deve ligar depois do horário comercial, com o Natal virando a esquina? Ninguém menos do que seu advogado.*

— *Charley, preciso que me faça um favor. Vá até a Abromowitz, na Quarta Avenida, pague mil e trezentos dólares por dois livros, pegue um táxi até minha casa e peça ao porteiro que leve os livros para meu apartamento. Sim, sei que está nevando, mas pode fazer isso?*

— *É um pedido tão bizarro que só me resta concordar.*

*Liguei mais uma vez para Abromowitz.*

— *Meu advogado está a caminho.*

— *Nada de cheques — avisou o livreiro.*

— *O senhor é tão solícito.*

*Desliguei e comecei a fazer as contas. Mais ou menos cento e vinte minutos de ligações interurbanas pelo custo de um dólar e trinta e cinco centavos pelos primeiros três minutos mais mil e trezentos pelos livros mais uns dez pelo táxi de Charley mais uns sessenta pelos honorários somavam... Uns dois mil e quinhentos. Tudo isso para que meu querido Jason tivesse Morgenstern. Eu me recostei na cadeira e fechei os olhos. Dois mil e quinhentos sem contar as duas horas de puro tormento e angústia, e não podemos esquecer Sandy Sterling.*

*Uma pechincha.*

*Eles me ligaram às sete e meia da noite. Eu estava no quarto.*

— *Ele amou a bicicleta — disse Helen. — Está enlouquecido.*

— *Supimpa.*

— *E seus livros chegaram.*

— *Que livros? — perguntei; mais casual, impossível.*

— *A princesa prometida. Em várias línguas, uma delas, por sorte, inglês.*

— *Ah, que bom — falei, ainda indiferente. — Quase esqueci que tinha encomendado.*

— *Como conseguiu?*

— *Liguei para a secretária do meu editor e pedi a ela que desse uma procurada. Vai ver eles tinham alguns por lá. — (Eles de fato tinham exemplares na Harcourt; dá para acreditar? Falarei sobre isso nas próximas páginas, provavelmente.) — Passe o telefone para o garoto.*

— *Oi — disse ele, um segundo depois.*

— *Olha, Jason, pensamos em te dar uma bicicleta de aniversário, mas mudamos de ideia.*

— *Cara, você está muito enganado, eu ganhei uma.*

*Jason herdou da mãe a absoluta falta de senso de humor. Não sei; talvez ele seja engraçado, e eu, não. O que sei é que não costumamos rir das mesmas coisas. Meu filho é um garoto incrivelmente bonito — se o pintassem de amarelo, ele*

faria testes para a equipe de sumô do colégio. Um balão. Passa o tempo todo se enchendo de comida. Cuido do meu peso, e a boa e velha Helen é tão magra que some se ficar de lado, além de ser a psicanalista infantil mais famosa de Manhattan, mas nosso filho rola mais rápido que anda. “Ele está se expressando por meio da comida”, Helen vive dizendo. “São ansiedades. Quando ele estiver pronto para enfrentá-las, vai emagrecer.”

— Então, Jason, sua mãe disse que chegou um livro aí. O da princesa. Eu ficaria muito feliz se você desse uma lida enquanto estou viajando. Gostei muito dele quando era criança e quero saber qual vai ser sua reação.

— Eu também tenho que gostar muito?

Jason realmente era filho da mãe dele.

— Não, Jason. Diga apenas a verdade, sua opinião. Estou com saudade, garotão. Falo de novo com você no seu aniversário.

— Cara, você está muito enganado. Meu aniversário é hoje.

Brincamos um pouco mais, passando do ponto em que não havia mais nada a dizer. Depois, fiz o mesmo com minha esposa e então desliguei, prometendo voltar dali a uma semana.

Demorei duas.

As reuniões se arrastaram, os produtores tiveram inspirações que precisavam ser cuidadosamente recusadas, os diretores precisaram de alguém para dar uma segurança no seu ego. Assim, fiquei mais tempo do que gostaria na ensolarada Califórnia. Quando finalmente fui autorizado a retornar ao carinho e à segurança da família, corri para o aeroporto de Los Angeles antes que alguém mudasse de ideia. Cheguei lá cedo, algo que sempre faço quando volto, porque precisava encher os bolsos de bugigangas para Jason. Toda vez que volto de viagem, ele corre (na medida do possível) até mim, gritando “deixeuver, deixeuver os bolsos”, e vasculha todos os meus bolsos retirando o conteúdo, e assim que o saque termina, ele me dá um grande abraço. Não é terrível o que somos capazes de fazer para nos sentirmos queridos?

— Deixeuver os bolsos! — gritou Jason, indo me receber na porta.

Era hora do jantar de quinta-feira; enquanto ele cumpria seu ritual, Helen saiu da biblioteca e me deu um beijo na bochecha, dizendo:

— Que elegante, esse meu marido.

*Isso também faz parte do ritual. Carregado de presentes, Jason me abraçou e correu (na medida do possível) para o quarto.*

*— Angelica está terminando de preparar o jantar — disse Helen —, você não podia ter chegado em hora melhor.*

*— Angelica?*

*Helen levou o dedo à boca e sussurrou:*

*— É o terceiro dia dela, mas acho que pode ser um tesouro.*

*Sussurrei de volta:*

*— O que havia de errado com o tesouro que a gente tinha quando viajei? Ela só estava com a gente fazia uma semana.*

*— Ela acabou se revelando uma decepção — disse Helen. E só.*

*(Helen é uma mulher brilhante; na faculdade, fez parte da Phi Bete, uma prestigiada sociedade de honra, recebeu todos os méritos acadêmicos possíveis, tem um intelecto impressionante e muitas conquistas, mas não consegue manter uma empregada. Em primeiro lugar, acho que ela se sente culpada, porque a maioria das empregadas disponíveis hoje em dia é negra ou hispânica, e Helen é ultrassuper-liberal. Em segundo lugar, ela é tão eficiente que assusta as moças. Consegue fazer tudo melhor que as profissionais, sabe disso e sabe que elas sabem. Em terceiro lugar, quando ficam apavoradas, Helen tenta explicar, com seu discurso de analista, que não precisam ter medo dela, e depois de uma boa meia hora de análise elas ficam aterrorizadas. Nossa média vem sendo de quatro “tesouros” por ano.)*

*— Estamos em uma fase ruim, mas isso vai mudar — falei, no meu tom mais otimista.*

*Eu sempre a provocava por causa do problema com as ajudantes, mas aprendi que isso não era necessariamente inteligente.*

*O jantar ficou pronto logo depois, e, com um braço em volta da minha esposa e o outro em volta do meu filho, segui na direção da sala de jantar. Naquele instante, eu me senti seguro, protegido, tudo de bom. O jantar estava servido: creme de espinafre, purê de batatas, carne assada com molho; ótimo, se não fosse por eu não gostar de carne assada, uma vez que sou do tipo que gosta de carne malpassada, mas sou doido por creme de espinafre, então, no final, tínhamos uma refeição bem satisfatória. Nos sentamos à mesa. Helen serviu a carne, os demais pratos passamos de mão em mão. Minha fatia*

*de carne assada não estava muito macia, mas o molho compensava. Helen chamou a empregada. Angelica apareceu. Tinha cerca de dezoito a vinte anos, morena, lenta.*

*— Angelica, este é o sr. Goldman.*

*Sorri e disse “oi”, acenando com o garfo.*

*— Angelica, não quero que veja isso como uma crítica, uma vez que é culpa minha, mas no futuro temos que nos esforçar muito para lembrar que o sr. Goldman gosta de rosbife malpassado...*

*— Isso era rosbife? — perguntei.*

*Helen olhou para mim.*

*— Veja bem, Angelica, isso não é um problema e eu deveria ter repetido as preferências do sr. Goldman, mas, na próxima vez que servirmos rosbife, vamos nos esforçar para deixar o centro rosado, pode ser?*

*Angelica voltou para a cozinha. Outro “tesouro” que se ia ladeira abaixo.*

*Lembre-se, nós três começamos a refeição felizes. Dois permaneceram naquele estado, e Helen ficou claramente incomodada.*

*Jason estava empilhando purê no prato com um movimento preciso e repetitivo.*

*Sorri para meu filho.*

*— Ei, vamos com calma, hein, rapaz?!*

*Ele jogou mais uma colherada cheia.*

*— Jason, é muita coisa — falei.*

*— Estou com muita fome, pai — disse ele, sem olhar para mim.*

*— Então por que não coloca mais carne? — sugeri. — Coma toda a carne que quiser e não vou falar nada.*

*— Não vou comer nada! — Jason empurrou o prato para longe e cruzou os braços, encarando o nada.*

*— Se eu fosse uma vendedora de móveis — disse Helen para mim —, ou quem sabe uma caixa de banco, eu entenderia. Mas como você pode ter passado todos esses anos casado com uma psicanalista e ainda assim falar desse jeito? Você é um homem das cavernas, Willy.*

*— Helen, o garoto está acima do peso. Sugeri apenas que ele deixe um pouco de batata para o resto do mundo e se empanturre com essa carne assada de primeira que seu tesouro preparou para meu retorno triunfal.*

— Querido Willy, não quero chocá-lo, mas Jason não só é muito inteligente como também tem uma visão perfeita. Posso garantir que quando ele se olha no espelho, não vê uma figura esguia. E isso porque ele escolhe, nesta fase, não ser esguio.

— Não falta muito para ele começar a namorar, Helen. Como será então?

— Jason tem dez anos, querido, e, nesta fase, não está interessado em garotas. Nesta fase, está interessado em foguetes. Que diferença faz estar um pouco acima do peso para um entusiasta de foguetes? Quando escolher ser esguio, posso garantir, ele tem inteligência e força de vontade para ser esguio. Até lá, por favor, quando estiver na minha presença, não deixe a criança frustrada.

Sandy Sterling dançava de biquíni na minha mente.

— Não vou comer e pronto — disse Jason.

— Meu amor — disse Helen para o garoto, em seu tom reservado para momentos como aquele —, seja racional. Se você não comer a batata, vai ficar chateado, e eu vou ficar chateada. Seu pai, claramente, já está chateado. Se comer a batata, eu vou ficar satisfeita, você vai ficar satisfeito, sua barriga vai ficar satisfeita. Não há nada que possamos fazer em relação ao seu pai. Você tem o poder de chatear todos ou apenas um, a respeito de quem, como falei, não há nada que possamos fazer. Portanto, a conclusão deveria ser clara, mas confio na sua habilidade de chegar até lá sozinho. Faça como quiser, Jason.

Ele começou a se empanturrar.

— Está transformando esse garoto em um boiolo — falei, mas não alto o suficiente para que alguém, além de mim e Sandy ouvisse.

Depois, respirei muito fundo, porque sempre que volto de viagem acontece alguma briga, isso porque, segundo Helen, sempre volto com muita tensão, sempre demandando uma quantidade desumana de provas de que sentiram minha falta, de que ainda sou querido, amado etc. Sei apenas uma coisa: odeio viajar, mas a volta é ainda pior. Nunca temos aquele papo do “e então, o que aconteceu enquanto eu estava fora?”, porque Helen e eu nos falamos todas as noites.

— Aposto que você manda muito bem na bicicleta — falei. — A gente pode dar um passeio no final de semana.

Jason tirou os olhos da batata.

— *Gostei muito do livro, pai. É ótimo.*

*Fiquei surpreso ao ouvir isso, porque, naturalmente, eu estava preparando o terreno para entrar no assunto. Mas, como Helen vivia dizendo, Jason não era nada bobo.*

— *Fico feliz — falei. E como estava!*

*Jason assentiu.*

— *Talvez seja o melhor que já li na vida.*

*Comi uma garfada do creme de espinafre.*

— *Qual foi sua parte favorita?*

— *Capítulo um. “A noiva”.*

*Aquilo me surpreendeu de verdade. Não que o capítulo um seja uma droga nem nada, mas é bem parado em comparação com as coisas incríveis que acontecem depois. Buttercup só cresce no livro.*

— *E o que achou da escalada nos Rochedos da Perdição? — perguntei.*

*Isso acontece no capítulo cinco.*

— *Ah, muito bom — disse Jason.*

— *E do Zoológico da Morte, do príncipe Humperdinck?*

*Isso acontece no segundo capítulo.*

— *Ainda melhor — respondeu Jason.*

— *O que me impressionou foi que, mesmo que o Zoológico da Morte seja mencionado brevemente, a gente sabe que ele vai aparecer de novo depois. Você teve a mesma sensação?*

— *Ahaaam — concordou Jason. — Muito legal.*

*A essa altura, eu sabia que ele não tinha lido.*

— *Ele tentou ler — interferiu Helen. — E realmente leu o primeiro capítulo. O segundo foi impossível para ele, então, quando Jason já tinha feito um esforço razoável, mandei que parasse. As pessoas têm gostos diferentes. Eu disse a ele que você entenderia, Willy.*

*Claro que eu entendia. Mas fiquei arrasado.*

— *Não gostei, pai. Eu queria ter gostado.*

*Sorri para ele. Como podia não ter gostado? Paixões. Duelos. Milagres. Gigantes. Amor verdadeiro.*



— Não vai comer o creme de espinafre? — perguntou Helen.

Eu me levantei.

— Jet lag. Não estou com fome.

Ela não disse nada até me ouvir abrindo a porta de casa.

— Aonde está indo?

Se eu soubesse, teria respondido.

Vaguei pelas ruas no inverno. Sem casaco. No entanto, nem percebi que estava com frio. A única coisa que estava na minha cabeça era que eu tinha quarenta anos e não queria estar naquela posição àquela altura da vida, preso a uma esposa expert em psicanálise e a um filho gorducho. Deviam ser nove da noite, e eu estava sentado no meio do Central Park, sozinho, sem ninguém por perto, nenhum outro banco ocupado.

Foi quando ouvi um barulho nos arbustos. Parou. Começou de novo. Muuuuito de leve. Mais próximo.

Eu me virei gritando “Não venha me encher o saco!”, e o que quer que fosse — amigo, loucura, imaginação — foi embora. Ouvi os passos velozes e percebi: bem ali, naquele instante, eu era perigoso.

Então, esfriou. Fui para casa. Helen estava revisando algumas anotações na cama. Normalmente, ela teria feito algum comentário sobre eu estar um pouco velho para surtos de comportamento infantil, mas eu ainda devia estar com um ar ameaçador. Dava para ver nos olhos inteligentes de Helen.

— Ele realmente tentou — disse ela, enfim.

— Nunca duvidei disso — respondi. — Onde está o livro?

— Na biblioteca, acho.

Eu me virei para sair.

— Posso ajudar em alguma coisa?

Respondi que não. Em seguida, fui até a biblioteca, me fechei lá dentro, caceei a princesa prometida. Estava em condições bem boas, percebi assim que conferi a lombada, e foi quando notei que o livro havia sido publicado pela minha editora, Harcourt Brace Jovanovich. Eles ainda nem se chamavam Harcourt, Brace & World, apenas Harcourt, Brace. Abri na folha de rosto, o que era engraçado, porque eu nunca tinha feito isso antes; era sempre meu pai quem manuseava o livro. Tive que rir quando vi o título verdadeiro, porque bem ali estava escrito:

## A PRINCESA PROMETIDA

*Um conto clássico de amor verdadeiro  
e altas aventuras  
S. Morgenstern*

*Há de se admirar um cara que chama seu livro inédito de clássico antes mesmo de ser publicado e antes que qualquer pessoa tenha a oportunidade de lê-lo. Talvez Morgenstern tivesse percebido que, se não fizesse isso, ninguém o faria, ou talvez estivesse tentando dar uma ajuda aos críticos; não sei. Passei os olhos pelo primeiro capítulo e era basicamente como eu lembrava. Depois, fui para o segundo, que contava sobre o príncipe Humperdinck e fazia uma breve e instigante descrição do Zoológico da Morte.*

*E, naquele momento, comecei a perceber o problema.*

*Não que a descrição não estivesse ali. Estava, e mais uma vez era basicamente como eu lembrava, mas antes de chegar nessa parte havia pelo menos umas sessenta páginas de texto sobre os ancestrais do príncipe Humperdinck e sobre como sua família assumiu o controle de Florin e sobre um casamento e uma criança gerando outra criança que então se casou com outra pessoa; então pulei para o terceiro capítulo, “A conquista”, e era inteiro sobre a história de Guilder e como o país havia alcançado seu lugar no mundo. Quanto mais eu virava as páginas, mais claro ficava: Morgenstern não estava escrevendo um livro para crianças; estava escrevendo uma versão satírica da história de seu país e do declínio da monarquia na civilização ocidental.*

*Mas meu pai tinha lido apenas as cenas de ação, as partes boas. Ele nunca deu bola para as partes sérias.*

*Por volta de duas da madrugada, liguei para Hiram Haydn, meu editor fazia mais de dez anos, desde Soldier in the Rain; havíamos passado por muita coisa juntos, mas nunca por telefonemas às duas da madrugada. Mesmo hoje, sei que ele não entendeu por que eu não podia esperar até amanhecer. Ele não parava de perguntar: “Tem certeza de que está tudo bem, Bill?”*

*— Oi, Hiram — falei depois de seis toques. — Olha, vocês publicaram um livro logo após a Primeira Guerra Mundial. Acha que pode ser uma boa ideia eu fazer uma nova edição?*

— Tem certeza de que está tudo bem, Bill?

— Absoluta. E, olha, eu usaria apenas as partes boas. Cortaria as voltas que a narrativa dá e deixaria só as partes boas. O que acha?

— Bill, são duas horas da manhã aqui. Você ainda está na Califórnia?

Fingi que estava chocado e surpreso, para que ele não achasse que eu era doido.

— Sinto muito, Hiram. Meu Deus, que idiota eu sou. São onze da noite em Beverly Hills. Mas acha que poderia perguntar ao sr. Jovanovich?

— Agora?

— Amanhã ou depois de amanhã, não tem importância.

— Posso perguntar qualquer coisa, mas não sei se estou entendendo muito bem o que você quer fazer. Tem certeza de que está tudo bem, Bill?

— Estarei em Nova York amanhã. Ligo para você e explico direito, pode ser?

— Pode ligar, durante o horário comercial?

Eu ri, desligamos e liguei para Zig, na Califórnia. Ervarts Ziegler é meu agente de cinema há mais ou menos oito anos. Foi quem fechou o negócio de Butch Cassidy para mim, e eu também o acordei.

— Oi, Zig, pode conseguir um adiamento no Mulheres perfeitas? Surgiu outro projeto.

— Segundo o contrato, você começa agora. Adiamento de quanto tempo?

— Não sei. Nunca fiz uma versão editada antes. O que acha que eles podem fazer?

— Acho que se for um adiamento longo, vão ameaçar entrar com um processo e você pode acabar perdendo o trabalho.

Aconteceu basicamente o que ele disse; eles ameaçaram me processar e quase perdi o trabalho, além de um pouco de dinheiro, e não fiz nenhum amigo na “indústria”, como nós do show business chamamos os filmes.

Mas a edição foi feita e está em suas mãos. A versão com as “partes boas”.

Por que fiz tudo isso?

Helen me pressionou muito para que eu pensasse em uma resposta. Ela achou importante não que ela soubesse, mas que eu soubesse. “Você agiu feito um lunático, meu querido Willy”, disse ela. “Fiquei muito assustada.”

*Então, por quê?*

*Nunca tive um pingo de senso crítico. Tudo que escrevo é por impulso. Isso me parece bom, aquilo me parece ruim; bem assim. Não consigo analisar, pelo menos não minhas próprias ações.*

*Não espero que isso mude a vida de ninguém, do jeito que mudou a minha.*

*No entanto, tomemos as palavras do subtítulo, “amor verdadeiro e altas aventuras” — eu acreditei nisso um dia. Acreditei que minha vida fosse seguir aquela trilha. Rezei por isso. Claro que não aconteceu, mas não acredito que ainda existam grandes aventuras. Hoje em dia, ninguém mais saca uma espada e grita: “Olá. Meu nome é Inigo Montoya. Você matou meu pai, prepare-se para morrer!”*

*Quanto a amor verdadeiro, pode esquecer também. Não sei se amo mais nada de verdade além do bife do Peter Luger’s e da enchilada de queijo do El Parador. (Foi mal, Helen.)*

*Enfim, eis a versão só com as “partes boas”. Escrita por S. Morgenstern, lida para mim por meu pai. E agora entregue a você por mim. Aguardamos ansiosamente para saber o que fará com ela.*

*Nova York  
Dezembro de 1972*